

**DOI:** 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.059

# MEMÓRIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

**KAREN INGRED NOGUEIRA MAGALHÃES**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, [profkarenmagalhaes@gmail.com](mailto:profkarenmagalhaes@gmail.com);

**JOSÉ MÁRIO DE SOUZA**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, [mariosouzagm@gmail.com](mailto:mariosouzagm@gmail.com);

**IANDRA FERNANDES CALDAS**

Docente do Departamento de Educação – DE da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, [iandrafernandes@uern.br](mailto:iandrafernandes@uern.br).

## RESUMO

O presente artigo intitulado “Memória e identidade profissional docente” tem como principal objetivo analisar alguns conceitos de Memória, Identidade e Formação docente presentes na tese de doutorado da Profa. Dra. Iandra Fernandes Caldas nomeada “No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros” (2021), buscando sempre compreender a memória enquanto faculdade psíquica, essencial para a constituição da identidade profissional docente por meio das experiências vividas individual e coletivamente que se entrelaçam e tecem construções históricas. Esta pesquisa se configura de cunho qualitativo, e assente na revisão de literatura de renomados estudiosos na esfera da memória e identidade docente, consolidando relevância e seriedade ao trabalho. Dialogando, especialmente com Brandão (2016), Caldas (2021), Candau (2016), Franco (2019), Nóvoa (1992), Nunes (2013) e Garcia (1999). Avança a discussão no âmbito da compreensão acerca da formação do professor, visando compreender as lembranças e relatos profissionais, como parte edificante da identidade docente, e ainda, procurando atribuir conceitos e significados que denotam destaque ao labor profissional do educador. Acreditamos que, os estudos deste trabalho, contribuirão para reflexões acerca da formação, DPD e identidade profissional docente, bem como, para pesquisas futuras no âmbito educacional.

**Palavras-chave:** Memória. Formação, DPD e Identidade Profissional Docente.

## INTRODUÇÃO

A memória é parte integral de nossa história, é a composição da vida e se faz presente nas ações cotidianas que vivemos. Assim, pretende-se com este artigo, refletir acerca da memória, bem como da identidade docente do professor para compreender de que forma a memória pode contribuir com a formação docente e como que a mesma se forja no seio da profissão do educador.

Com este intuito, definimos como objetivo analisar alguns conceitos de Memória, Identidade e Formação docente presentes na tese de doutorado da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iandra Fernandes Caldas intitulada *No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros* (2021). Dialogamos ainda com alguns estudiosos que nos deram a sustentação teórica necessária para o nosso estudo, sendo eles: Brandão (2016), Caldas (2021), Candau (2016), Franco (2019), Le Goff (2003), Novoa (1992), Nunes (2013), Prado e Soligo (2007), Marcelo Garcia (1999) e Souza (2020).

Acredita-se que uma das benevolências da memória é a capacidade de lembrar o passado, pensar o presente e projetar o futuro com base em experiências vividas. Nesse sentido,

(...) A memória nos revela uma das competências fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo) (Caldas, 2021 *apud* Nunes, 2013, p. 94)

Desse modo, a memória nos serve como um GPS que nos mostra (relembra) o lugar de onde saímos, onde iniciamos nossa jornada. Marca todos os pontos que já trilhamos no passado e por isso nos indica onde estamos agora e, ainda assim, nos dá o norte de onde queremos ir, sempre repensando a rota caso o caminho presente erre as entradas planejadas para o futuro.

Podemos perceber como a memória é importante para as relações que construímos no seio social e profissional. Ela é uma parte essencial para inferir no outro, momentos de aprendizagens significativas, com base no senso da alteridade e do *rememoração* espontâneo de cada pessoa.

O trabalho está organizado em dois capítulos, a saber, o primeiro sobre memória e identidade docente e, o segundo sobre os contributos da memória na

formação de professores, em tom de conclusão, trazemos elementos que pontuam esse acontecer da memória e de sua importância na formação do professor, desde o pensamento de memória que se concebe na formação humana do professor até a profissão.

A pesquisa se mostra pertinente para refletirmos conceitos e perceber que, a memória é muito mais do que lembrar, ela é a liga que une a história e a identidade, ela responde aos questionamentos de: quem eu sou? ao que eu pertencço? de onde eu vim? Clarificando a percepção de si e do meio. Através deste trabalho poderemos compreender que há mais de uma forma de viver memórias e de pertencer a elas. Além do mais, ela se configura como propulsora quando o assunto é formação e educação, pois se insere nas questões pessoais, sociais, econômicas e da profissão.

## **METODOLOGIA**

---

A pesquisa se configura de cunho qualitativo, assente na revisão de literatura em que, buscamos compreender conceitos e formular ideias advindas da memória e da formação de professores, desse modo, podemos nos posicionar e formular nossas próprias ideias e pensamentos acerca da temática ora escolhida e apresentada.

O estudo teórico foi cultivado a luz da pesquisa de Revisão Sistemática de Literatura (RSL). A RSL é “um método sistemático, explícito, (abrangente) e reproduzível para identificar, avaliar e sintetizar o corpo existente de trabalhos completos e registrados produzidos por pesquisadores, estudiosos e profissionais” (Fink, 2005, p.3).

Para esse fim, foram realizadas leituras preliminares “a leitura é um dos pilares da formação acadêmica... [...]aqueles que conseguiram desenvolver, desde o início, um hábito mais organizado de leitura, terão menos trabalho posteriormente” (Zambello, 2018, p.10). Assim, após as fases de construção da RSL, foram realizados fichamentos dos materiais para a construção dos capítulos posteriormente desenvolvidos.

## **1 MEMÓRIA E IDENTIDADE DOCENTE**

Este tópico se configura como um ensaio breve a pertinente discussão sobre Memória e Identidade Docente. Para construir as reflexões que seguem, foi utilizado

como referencial teórico base a tese de doutorado da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. landra Fernandes Caldas intitulada *No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros* (2021). Para isso, dividimos em dois subtópicos as discussões trazidas. O primeiro, que busca trazer uma alternativa sobre a origem da memória e, no segundo, nos aprofundaremos mais nas reflexões que cercam o interlace entre memória e identidade docente.

## 1.1 UMA SEMENTE DA MEMÓRIA

A Grécia Antiga é o berço de diversas divindades mitológicas que, em sua maioria, buscam explicar a existência e o equilíbrio entre a vida divina e humana. Entre as divindades gregas está Mnesmosyne, deusa da memória.

Figura 1 – Mnesmosyne, deusa grega da memória



Fonte: [Greekasia \(2019\)](#)

Segundo Caldas (2021) *apud* Candau (2016),

No Panteão grego, existe uma divindade que tem o nome de Mnemosyne, de origem divina, era uma Titânide filha da deusa Gaia, do deus Urano e irmã dos Titãs. Além de ser filha da Terra e do Céu, Mnemosyne também é irmã do Tempo (Cronos) e do Oceano, rio que circunda a terra (Okeanos). Cronos e Okeanos representam a existência em uma perspectiva de presente, passado e futuro que se entrelaçam em um fluxo e refluxo contínuo (VERNANT, 1990). Isso posto, podemos depreender que: “Somente Mnemosyne, divindade da memória, permite unir aquilo que fomos ao que somos e ao que seremos”. (Caldas, 2021 *apud* Candau, 2016, p. 93)

Pensar a memória como a personificação de uma divindade (Mnemosyne) nos permite compreender suas características de forma curiosa e lúdica. Não por considerarmos uma lenda ou ficção, mas por sua história nos auxiliar a aprender mais sobre as nossas faculdades mentais e nisso, por assim dizer, nos referimos aos processos psicológicos humanos, assim como também às crenças de outras culturas que constroem seus sentidos e valores sob a premissa de sua verdade.

Nessa perspectiva, conforme (Le Goff, 2003), “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (p. 419). Este argumento combina com a caracterização da Deusa Mnemosyne por Caldas (2021) *apud* Nunes (2013, p. 93): “A deusa Memória carrega o bastão da sabedoria talhado em loureiro (skeptron) e sua função é revelar o que foi e o que será. O conhecimento que Mnemosyne dá aos seus eleitos é uma onisciência do tipo divina”.

Ainda, conforme (Caldas, 2021, p. 104) “A memória de um indivíduo é diferente da memória de outro sujeito, porque cada indivíduo confronta-se, durante o percurso de vida, com uma complexidade única de situações.” As experiências que vivemos e a forma com que lidamos com elas internamente nos diferencia enquanto seres humanos construindo particularidades próprias e identitárias. Nisso, “Os indivíduos apresentam diferentes comportamentos não porque tenham “personalidades” próprias, independentes do social, mas devido às experiências diversas por que passaram (no sentido de construir e incorporar) ao longo de suas vidas.” (p. 104). É assim que se constrói a história da viagem da vida... Um pouco do que já foi

mais a experiência do que está sendo. É nessa mescla de experiências e memórias que se constrói valores, sentidos, personalidades, identidades e cultura.

## 1.2 A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE DOCENTE

Ao falarmos de memória nos conectamos com questões do espectro da identidade, uma vez que ela “[...]ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada.” (Candau, 2016, p. 16). Ambas possuem uma conectividade em que “...se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.” (Candau, 2016, p. 16). Tendo em vista isso, é por meio dos processos construídos através do vínculo entre memória e identidade que nos constituímos seres dotados de história e cultura.

Para compreendermos de vez o entrelace entre memória e identidade, pontuamos:

**Quadro 1- Alguns pontos sobre memória e identidade**

<b>SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE...</b>
• <b>A memória e a identidade se entrelaçam e se reforçam mutuamente; (p.104)</b>
• <b>Não há busca identitária sem memória; (p.104)</b>
• <b>(mas...) A busca pela memória é sempre acompanhada de um sentimento de identidade; (p.104)</b>
• <b>A memória é uma reconstrução continuamente atualizada do passado e não uma reconstituição fiel do mesmo; (p.104)</b>
• <b>A identidade se desenvolve e se constitui em uma relação dialógica com o outro, assim encontram-se indissociáveis.” (p.104)</b>
• <b>A memória fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo, assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade; (p.106)</b>
• <b>O sentimento de identidade é a imagem de si que uma pessoa adquire ao longo da vida, é a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio:” (p.106)</b>

**Fonte:** Dos autores (2023) com base em Caldas (2021)

De acordo com os recortes de (Caldas, 2021) ordenados no quadro 1, em relação a memória e identidade pode-se perceber que são instâncias ligadas por laços indissolúveis em que não há como consolidar uma identidade sem a utilização da memória e, ainda, por outro lado, a busca pela memória está intrinsecamente relacionada ao sentimento de identidade, comprovando esse vínculo indissociável entre

ambas as partes. Mas, ainda, este vínculo entre memória e identidade agrega em sua composição outra questão de ordem psicossocial, ou seja, a relação dialógica do Eu com o Outro e, conseqüentemente, minha reestruturação com o meio.

Se pudermos aqui representar em um esquema de setas essa relação:

**Figura 2 – Relações entre memória e identidade**



**Fonte:** Dos autores, com uso do aplicativo Canva (2023)

Com base no esquema de setas da *figura 1* e ainda comentando o *quadro 1* anterior, vale ressaltar que as recordações que temos do passado não são memórias fiéis do que de fato aconteceu, uma vez que, constantemente nos aprimoramos em relação ao que já fomos alterando nossas concepções e ações em relação ao que somos hoje. Essas mudanças se instalam gradativamente em nossas trajetórias por meio da relação dialógica com outros e com o meio, o que implica na construção de identidades, ou seja, a forma como nos vemos e nos mostramos ao mundo.

Considerando o que vem sendo discutido até agora, percebemos que para além das memórias individuais, existem também as memórias coletivas.

Segundo Halbwachs (2003), além das memórias individuais, há também a memória coletiva, a relação entre as duas, depende dos pontos de referência que se estruturam essas duas instâncias da memória. (tradições, costumes, lugares, personagens, datas, etc.). [...] As lembranças mais íntimas do indivíduo sempre se misturam com o passado dos grupos com que ele se relaciona ou se relacionou ao longo de sua vida. Destarte, a memória coletiva de uma sociedade é constituída a partir do

entrelaçamento existente entre as memórias individuais e as memórias coletivas de um grupo (Caldas, 2021 *apud* Halbwachs, 2003, p. 89)

O entrelace entre memórias individuais e coletivas nos auxiliam a construir sentidos, identidades, histórias e culturas. Por exemplo, as memórias construídas e resgatadas ao longo do tempo na luta contra a escravidão. A luta por liberdade, por espaço e por respeito marca a história de vida uma etnia inteira. E mesmo hoje, em que grande parte dos negros não viveram a escravidão de 1500, ainda vivem e sentem na pele o impacto da memória coletiva que constituiu sua trajetória histórica e que, por sua vez, estrutura suas identidades.

O mesmo serve aos índios, as mulheres, as pessoas com deficiência, e não apenas as lutas por direitos humanos, mas por todas as formas de construir memórias coletivas e constituir história. “Essas histórias fazem parte da memória da sociedade, por meio da qual ela constrói sua identidade cultural e uma visão mais livre do seu passado.” (Caldas, 2021, p. 90).

### **2.2.1 A IMPORTÂNCIA DAS MEMÓRIAS PARA A IDENTIDADE DOCENTE**

As memórias fazem parte do nosso processo histórico, é através delas que lembramos nossa essência e produzimos nossa realidade. Lembrar os percalços de quem fomos nos permite aprimorar quem somos hoje e agora. A memória nos serve para lembrar as batalhas, as vitórias e derrotas, os erros e acertos cometidos. Nos permite quebrar ciclos, construir pontes e abrir novos caminhos para a história de uma nação, de um povo, de uma classe, comunidade ou família. Mesmo inconscientemente estamos inseridos em uma rede de memórias que são individuais e coletivas e que nos pertencem.

Caldas (2021) em sua tese de doutorado traz histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ) do Campus de Pau dos Ferros (CAPF). Este é um trabalho que, para além de histórias de profissões individuais, fala sobre a história coletiva da construção da identidade docente em um determinado lugar. Essas memórias não são encontradas nos livros de história, mas são memórias tão importantes quanto as que estão impressas lá.

“[...] empreender o esforço de ouvir a voz e de dar voz a esses professores, significa o reconhecimento de que essas trajetórias têm



significados importantíssimos na construção da identidade docente no Ensino Superior. As histórias pessoais de docentes que viveram sua trajetória profissional numa universidade pública trazem consigo o ambiente universitário e sua história de construção coletiva. Entender a história desses docentes é entender a própria história da Educação Superior no Estado do Rio Grande do Norte, mediante seus percursos, movimentos, reivindicações, propostas e projetos de política educacional." (Caldas, 2021, p. 18)

A identidade docente é construída por representantes profissionais em suas memórias individuais, mas que, ao mesmo tempo, também, essas mesmas pessoas se entrelaçam no labor profissional com outros profissionais da área, por partilharem o mesmo espaço-tempo, as mesmas lutas e conquistas que pouco a pouco vão edificando a trajetória docente repleta de interpretações autênticas e significativas para a Educação. Seja a nível municipal, estadual, federal ou mundial.

## **2 OS CONTRIBUTOS DA MÉMORIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

O referido tópico traz à tona, reflexões sobre as contribuições da memória no tocante a formação de professores. Nele, procuramos entrelaçar memória e formação, numa perspectiva dialógica em que, a memória precisa ser/estar presente na formação docente, uma vez que, essa formação é carregada de sentidos e significados da formação pessoal e profissional.

### **2.1 MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE**

A formação de professores carrega em si várias memórias, estas oriundas da própria formação de vida, desde a infância. Sendo assim, partimos da ideia de que é preciso compreender o conceito de memória, bem como a sua contribuição "na" e "para" a formação docente, uma vez que, a nossa vida e as vivências que construímos com o passar do tempo, advém de memórias do passado e do presente. Assim, é importante pensarmos acerca da formação, como bem destaca:

A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas (Novoa, 1992, p. 16)

Deste feito, considerar a formação de professores num tripé inovador das ações do educador, com base nas práticas educativas, se faz preciso, uma vez que a investigação acontece em dado momento na prática educativa do professor. Os docentes precisam se revestir com base num viés realmente formativo, haja vista que a educação se molda a cada momento e em contextos diferentes, pois a logística da produção pedagógica necessita desse entrelaçar social e coletivo.

Com relação a memória, esta não reconstrói o tempo, ela une o presente e o passado. Mas, afinal, o que é memória? Para entendermos melhor, recorremos a Caldas (2021, p. 98) quando explana que: "A memória tem por função recordar-nos o que precedeu e o que seguiu através da lembrança, é a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total.". A memória tem a ver com lembrança, ou seja, podemos guardar nela tudo o que foi bom, pois o que não foi, conseguimos apagar de forma mais rápida. Como definir a memória? Candau ressalta que:

Na relação que mantem com o passado, a memória humana é sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e outro ensolarado: é feita de adesões e rejeições, consentimentos e negações, aberturas e fechamentos, aceitações e renúncias, luz e sombra ou, dito mais simplesmente, de lembranças e esquecimentos (Candau, 2016, p.72)

As lembranças que cada pessoa traz de suas memórias, diversas vezes é silenciada, outras vezes, colocada como exemplo para não esquecer e não se perder na história. Outro elemento bastante relevante para essas reflexões é justamente pensarmos que nós guardamos na memória o vivido e o que queremos viver, como se fosse um marco de vida, ou mesmo, uma situação que precisamos passar.

Figura 3 – Protesto de professores em maio de 1995



Fonte: Arlindovsky (2019)

Na figura 3, podemos observar um exemplo de memória individual e social que se consolidou ao longo do tempo como uma memória coletiva pontual na edificação dos direitos da classe de professores. A imagem retrata um protesto no ano de 1995 em que a palavra de ordem era: “*O tempo de serviço não se negocia, conta-se.*”, além disso, outros motivos como ajuste salarial e a regularização de uma prova de candidatura foram reivindicados na mesma mobilização (Arlindovsky, 2019).

A construção de memórias consolida identidades e nesse sentido, Brandão acrescenta:

Nada somos além do que recordamos, mas também do que esquecemos, sejam as lembranças silenciadas, voluntárias ou involuntariamente, seja dos não ditos. O que lembramos, mas que não podemos ou queremos falar [...] somos aquilo que lembramos e esquecemos [...]” (Brandão, 2016, p. 21)

Todas as situações que vivemos na vida, bem como na formação docente estão impregnadas de memórias, pois a memória nos constitui, memória essa, de uma vida regada de escolhas, de sonhos, de desejos de bem e de histórias boas para contar, recontar e encantar a nós mesmos e aos outros. Umas que queremos

sempre lembrar, outras, nem tanto, mais que ambas as situações nos definem, tanto o que lembramos, como o que esquecemos, pois carregam sentimentos dentro de si.

## **2.2 REFLEXÕES DA/NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Iniciamos pelas perguntas: O que é formação? E como acontece as formações? Buscamos Marcelo Garcia (1999, p.19) para refletirmos sobre as questões colocadas anteriormente e conseqüentemente, suscitarmos uma possível resposta. “A formação pode ser entendida como uma função social de transmissão de saberes, de saber-fazer ou do saber-ser que se exerce em benefício do sistema socioeconômico, ou da cultura dominante”. O autor apresenta que, a formação é compreendida como uma função tida como social, em que a transmissão de saberes acontece em dados momentos da vida humana. Souza sinaliza que:

É importante que se crie espaços de formação permanente em que haja a troca de saberes e mais ainda, a oportunidade de participação mútua, uma vez que o professor desenvolve atividades ligadas a aprendizagem, pois é ele (a) um formador (a) de opiniões (Souza, 2020, p. 35)

A formação precisa acontecer em todos os momentos de vida do professor e, não somente dentro da escola, mais ainda, nas rodas de conversas, nos espaços sociais, dentre outros, para que, a roca dessaberes se desenvolva perante múltiplos conhecimentos e que corrobore para com o processo de aprendizagem dos estudantes.

Com relação a formação de professores, esta precisa passar pela crisma do bem. Por um momento organizado e sistematizado, em que os docentes se sintam reconhecedores de suas conquistas e vitórias. Vamos refletir sobre a formação continuada que Franco aponta que:

a formação contínua não deve ser encarada como um adendo à formação que faltou. Formação contínua não é suprir deficiência de formação anterior, formação contínua é a necessidade de integrar vida e formação; articular a pessoa do professor às circunstâncias de seu trabalho e profissão, de forma crítica e integrada; criando condições de vivências formativas que permitem o autoconhecimento; a autoformação; os processos de identidade e profissionalização docente (Franco, 2019, p. 99)

As reflexões que apontam sobre a vida e a formação social precisam desse prisma de paixões. O professor precisa se encontrar e perceber que a formação continuada merece atenção, pelo fato de que, suas memórias são importantes para forjar uma práxis educativa que se faz necessária e presente em seu labor profissional.

Para tanto, Novoa salienta que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (Novoa, 1992, p. 13)

Nesse interim, é a formação a principal responsável pelo estímulo reflexivo na formação dos professores. É preciso pensar sobre isso e perceber que o pensamento começa do si e que a docência não se faz sozinha, isolada, mais com participação coletiva, e social.

É pensando nas memórias e de como contribuir com a formação dos professores que a discussão ganha força e agrega mais conhecimentos na área e na vida humana. Isso porque o nosso caminhar na educação é regado de memórias da vida pessoal e profissional. Vamos nos constituindo enquanto pessoa na medida em que aprendemos a ser. A memória oportuniza as mais sensíveis histórias de vida, sejam elas de professores ou não. De acordo com Prado e Soligo:

A memória não passa somente por uma perspectiva individual e voluntária – está evidentemente vinculada a escolhas individuais, porém sempre dentro de um determinado contexto sociocultural, de uma determinada circunstância coletiva. Pressupõe também, por oposição, o esquecimento. E relaciona-se com os diversos suportes que estão a seu serviço: das imagens na pedra, passando pelos nós de fios amarrados nos dedos, até as memórias físicas dos computadores (Prado; Soligo, 2007, p. 5)

A memória parte do individual, dentro de um contexto sociocultural. As nossas escolhas individuais fazem com que estejamos formulando memórias e fazendo história por meio dela própria. Fica bastante evidente que, somos protagonistas de nossas histórias e são elas que dão sentido maior a vida, seja quando pensamos no individual ou até mesmo no coletivo.

É preciso mobilizar a memória, para que ela colabore com o processo de formação pessoal e profissional. Desse modo, estamos forjando em si, qualidades e competências que são atribuídas a própria pessoa, uma vez que essas ideias perpassam pelas várias fases da vida humana. Podemos perceber que os tempos atuais são outros, vivemos em um momento em que as aprendizagens acontecem em dado tempo e espaço, com diferenças na formação.

Considerar o processo de mudança pode parecer difícil, porém, é necessário no decurso da vida, tanto para mobilizar os saberes, quanto para agregar conhecimentos importantes e relacionais da vida humana. Nesse sentido, precisamos mobilizar nossas memórias mais sensíveis, para que esta nos possibilite avançarmos no quesito pessoal e profissional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Concluimos que, a memória em sua essência, esta intrinsecamente ligada a formação de identidade. Memória essa que gerencia as lembranças que nos tornam nós. **Nós** em dois sentidos. Primeiro, no sentido de contribuir para nos lembrar quem somos, no íntimo do **eu** particular, mas também, do **eu** social, que se mostra ao mundo. E segundo, no sentido do **nós** enquanto coletivo, enquanto formadores de identidades que caracterizam grupos, movimentos, classes... profissões. Nos referimos aos **nós** de vidas que se entrelaçam através de memórias coletivas.

A tese de doutorado da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iandra Fernandes Caldas intitulada **No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros** (2021) é rica em construção de conceitos que nos propiciou agregar sentidos às lembranças dos professores que constituem identidades socio-individuais no decorrer do tempo através das memórias coletivas são frutos da linguagem e da escrita e, estruturam narrativas que dão vida a identidade docente. As lembranças e relatos de vida profissional de cada professor são gotas de um mar agitado de histórias significativas que edificam e contribuem para a sociedade. As memórias são tão poderosas que pertencem até a quem não as viveu, pois, nos são herdadas de geração em geração, às vezes, desde os primórdios. Elas falam sobre o **eu** antes mesmo do **eu** ter nascido sem definir ou limitar, mas elas têm algo a dizer. Elas precedem os marcos do hoje e sucedem acompanhando parte da identidade edificada amanhã.

Finalmente, para nos despedirmos por enquanto das memórias...

*Essa lembrança que nos vem às vezes...  
folha súbita que tomba abrindo na memória  
a flor silenciosa de mil e uma pétalas concêntricas...*

*Essa lembrança...,  
mas de onde? de quem?*

*Essa lembrança talvez nem seja nossa,  
mas de alguém que,  
pensando em nós,  
só possa mandar um eco do seu pensamento  
nessa mensagem pelos céus perdida...*

*Ai!*

*Tão perdida que nem se possa saber mais de quem!*

(Mario Quintana, 2005)

## AGRADECIMENTOS

---

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio técnico e financeiro.

## REFERÊNCIAS

---

ARLINDOVSKY. **Um Resumo Histórico da Luta dos Professores**. 2019. Disponível em: <https://www.arlindovsky.net/2019/03/um-resumo-historico-da-luta-dos-professores/>. Acesso em: 26 set. 2023.

BRANDÃO, V.M.A.T. (Org.). **Labirintos da memória: quem sou eu?** São Paulo: Portal Edições, 2016.

CALDAS, Iandra Fernandes. **No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros**, 2021. Tese (Doutorado em letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FINK, A. **Conducting research literature reviews**: From the Internet to paper (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage, 2005.

Fortunato, Ivan; Francisco Imbernon; Alexandre Shigunov Neto; Ivan Fortunato; FRANCO, Maria Amelia Santoro. Formação continuada de/para/com docentes: para Quê? Para quem? *In: Formação permanente de professores*: experiências ibero-americanas. São Paulo: Edições Hipótese, 2019.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GREEKASIA. **Mnemósine – a deusa grega da memória**. 2019. Disponível em: <https://greekasia.blogspot.com/2019/07/mnemosyne-greek-goddess-of-memory.html>. Acesso em: 26 set. 2023.

NOVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. Campinas: Alínea, v. 1, p. 47-62, 2007.

QUINTANA, Mario. **Poemas de Memória**. Pensador, 2005. Disponível em: [https://www.pensador.com/poemas\\_de\\_memoria/](https://www.pensador.com/poemas_de_memoria/). Acesso em: 30 nov. 2022.

SOUZA, José Mário de. **Os dilemas éticos na profissão do pedagogo (a) como professor (a)**. 2020. Monografia (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR). Pau dos ferros: UERN, 2020.

ZAMBELLO, Aline Vanessa. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Org: MAZUCATO, Thiago. Penápolis: FUNEPE, 2018.